



VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

Jim Paurolo

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 1



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 1998

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 1 – Dezembro de 1998

Director:

Helder Macedo

Director Adjunto:

Sebastião Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Henry Thorau, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Laura Padilha, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Onésimo T. Almeida, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cleonice Berardinelli, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Isabel Pires de Lima, José Octávio Van-Dúnem, Regina Zilberman, Sebastião Pinho, T. F. Earle.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Tel. (351-39) 701421; Fax (351-39) 705445; E.mail: ailpinho@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. (351-2) 6067418; Fax (351-2) 6004314; E.mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: Imprensa Portuguesa – Porto

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

HELDER MACEDO – Nota de Abertura.....	7
NUNO JÚDICE – O feixe mítico em “A bela e o monstro”.....	9
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES – A sátira da mudança no teatro de de Gil Vicente: o peso da História e a leveza da Arte	17
PAULO FERNANDO DA MOTTA DE OLIVEIRA – Relações entre literatura e história em <i>Os Lusíadas</i>	35
BARBARA SPAGGIARI – Ecdótica e crítica das variantes.....	49
DULCE MARIA VIANA MINDLIN – José de Anchieta, um jesuíta exemplar ...	67
ROBERTO SCHWARZ – Discutindo com Alfredo Bosi.....	87
MARIA APARECIDA RIBEIRO – O maracujá e a paixão: variações de um tema literário	113
HELENA CARVALHÃO BUESCU – A casa e a encenação do mundo: “Os Fidalgos da Casa Mourisca” de Júlio Dinis.....	139
MARIA SARAIVA DE JESUS – Alguns estereótipos sobre a mulher na segunda metade do século XIX.....	149
LUÍS DE SOUSA REBELO – Eça e a Inglaterra.....	165
REGINA ZILBERMAN – <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> : diálogos com a tradição literária	179
MARISA CORRÊA SILVA – Conceição e Shahrazad: a sedução em dois con- textos.....	195

MARIA LÚCIA DAL FARRA – A dor de existir em Florbela Espanca.....	211
CLEONICE BERARDINELLI – O ensaísta Nemésio.....	227
Laura CAVALCANTE PADILHA – Por terras de África com Helder Macedo e Mia Couto.....	243
RITA MARNOTO – <i>Lisboa. Livro de bordo</i> . Cúmplices de vozes, olhares e memorações	261
TANIA FRANCO CARVALHAL – <i>Todos os nomes</i> , de José Saramago: alegorias do labirinto	271
SILVIANO SANTIAGO – A bolha e a folha. Estrutura e inventário	279
GILDA SANTOS – Vasco Graça Moura e Jorge de Sena: um diálogo pos- sível	293
MOEMA PARENTE AUGEL – Mistida e Kikia Matcho: uma leitura da Guiné- -Bissau	303
MARIE-HÉLÈNE PIWNIK – Mário de Carvalho: crónica de um desfecho anunciado.....	317
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA – Duas décadas de literatura luso-ameri- cana: um balanço (1978-1998).....	327

NOTA DE ABERTURA

Tentar o impossível é por vezes o único modo de conseguir o necessário.

Desde há muito que vários de nós sentíamos a necessidade da criação de uma revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Temos membros em cerca de trinta e cinco países de todo o mundo. Desses países, apenas sete são de língua portuguesa. A grande maioria dos países onde exercemos o nosso “lusitanismo” – termo que os fundadores da AIL desejaram neutro para significar os estudos das diversas culturas veiculadas pela língua portuguesa – insere-se no contexto de outras línguas e culturas. A realização de congressos trienais e a publicação das respectivas actas já permitia que alguns de nós nos conhecêssemos uns aos outros, que nos pudéssemos ouvir e ler, aprender uns com os outros. Mas claramente não era o bastante, não era só assim que se conseguiria criar o sentido de propósito comum, dentro da nossa ampla diversidade, de que uma revista como esta pode ser o instrumento necessário e o lugar de convergência que faltava.

Veredas não é, portanto, apenas mais uma revista, uma revista como as outras, melhores ou piores. Pelas suas características internacionais – pelos leitores e colaboradores plurinacionais a que se dirige e que visa publicar –, é uma revista única em língua portuguesa. Mas é também por isso mesmo que o projecto de uma tal revista corria o risco de não ser viável por não caber na política cultural de qualquer país ou instituição, de ser uma necessidade impossível de realizar.

O impossível que era necessário tentar foi agora conseguido graças, acima de tudo, à acção do actual Secretário-Geral da AIL, Professor Sebastião Tavares de Pinho, e à visão do Doutor Fernando Aguiar-Branco, Presidente da Fundação Engenheiro António de Almeida.

Assinalar a criação de *Veredas* é assim o mesmo que lhes prestar pública homenagem.

O resto, o futuro da revista, dependerá de todos nós.

A revista será publicada anualmente, em volumes de aproximadamente 350 páginas. Um volume duplo, cada três anos, consistirá de comunicações apresentadas no congresso imediatamente anterior. Tanto num caso como no noutro, os textos enviados para publicação ficam sujeitos à apreciação prévia de um conselho de leitura, de modo a garantir o necessário nível de qualidade. Sempre que possível, a revista procurará assegurar a publicação de uma percentagem significativa de textos de colegas com acesso mais difícil a outras revistas estabelecidas, seja por razão da sua juventude ou das circunstâncias das culturas nacionais em que trabalham. As comunicações a congressos que não forem seleccionadas para o volume duplo da revista serão, no entanto, publicadas em CD-Rom, juntamente com as outras, para que haja um registo permanente das contribuições de todos os membros da AIL que neles participaram.

Os dois primeiros volumes de *Veredas* foram organizados segundo critérios pragmáticos acertados entre mim e o Professor Sebastião Pinho e aprovados pelos outros membros da actual direcção da AIL. O mais importante, pareceu-nos, foi avançar tão cedo quanto possível com o projecto. As estruturas permanentes da revista serão, no entanto, discutidas e decididas, como cumpre, pela Assembleia Geral da nossa Associação na primeira oportunidade, que será o Sexto Congresso, a realizar-se no Rio de Janeiro de 8 a 13 de Agosto de 1999.

HELDER MACEDO

Lisboa. Livro de bordo. Cúmplices de vozes, olhares e memorações

RITA MARNOTO

Portugal, Universidade de Coimbra

“La ciutat com a obscur objecte del desig, això hauria de ser el títol que encapçalés una història de la ciutat moderna feta des de l'arquitectura. Hi ha, certament, per a l'economia, una ciutat com a mercat; per a la semiòtica, una ciutat com a sistema d'informació; per a la política, una ciutat, *civitas*, en la qual es canalitzen els valors col·lectius de la convivència. Hi ha també una ciutat com a arquitectura. La confusió de la cultura moderna, tan fragmentada i especialitzada, rau el fet que cada un d'aquests paradigmes tendeix a esdevenir autònom i absolut.”

IGNASI DE SOLÀ-MORALES ¹

1. A partir do título

Uma cidade, Lisboa, um tipo de livro, *livro de bordo*, e diversas formas de leitura, *vozes, olhares, memorações* – são as referências que ficam contidas no título da última obra de José Cardoso Pires². O modo de vida urbano sempre foi tema privilegiado da narrativa do escritor que

¹ «Fer la ciutat, fer l'arquitectura (1945-1993)»: *Visions urbanes. Europa 1870-1993. La ciutat de l'artista. La ciutat de l'arquitecte*, sota la direcció de Jean Dethier i Alain Guiheux. Barcelona, Madrid, Centre de Cultura Contemporània, Electa, 1994, p. 401.

² Lisboa, Expo 98, D. Quixote, 1997, que será citado sob forma abreviada.

cedo se distinguiu de muitos outros da sua geração por recusar a linguagem da ruralidade, distanciando-se dos caminhos do neo-realismo. Mas o livro que agora fala sobre a cidade consolidada é um livro de navegação, um “livro de bordo”³.

Lisboa é descoberta com uma citação da obra inacabada de Cervantes, *Los trabajos de Persiles y Sigismunda*, escolhida como *incipit*: “Tierra, tierra! Aunque mejor diria Cielo, Cielo! Porque sin duda estamos en el paraje de la famosa Lisboa”. O paradigma céu/terra logo se desdobra, porém, num outro, terra/mar, quando Lisboa se converte numa “cidade de navegar”, “cidade-nave, barca com ruas e jardins por dentro, e até a brisa que corre me sabe a sal” (*LLB*, p. 7). Entre o mar, a terra e o céu, as personagens de Cervantes e o sabor a sal degustado pelo narrador, multiplicam-se as vozes, os olhares e as memorações da cidade e sobre a cidade. A pessoalidade autobiográfica inerente à óptica de quem conta e de quem vive o seu espaço dilui-se nessa multiplicidade, inviabilizando a actualização do modelo do diário. É à luz desta perspectiva que poderá ser interpretada a preferência da fórmula *livro de bordo* em relação à de *diário de bordo*, mais habitualmente utilizada no âmbito da marinagem.

Mas a presença da palavra *livro* no seu título, ao pôr em evidência a auto-referencialidade da obra, deixa em aberto um amplo horizonte de livros que falam de cidades e de viagens mais ou menos possíveis, mais ou menos palpáveis, desde *O livro de José de Arimateia* ao *Livro do desassossego*, e muito para além deles⁴. Na verdade, a associação entre os temas do livro e da viagem, do múltiplo e do reflexo, ganha particular sentido no contexto das novas tendências que caracterizam a nar-

³ No plano biográfico, recorde-se que José Cardoso Pires, para além de homem viajado, é também um homem de mar. É ele próprio quem relata as suas aventuras oceânicas numa entrevista publicada em *Público. Magazine* a 19-6-1994: “Em 44, no fim da guerra, a Marinha Mercante criou o posto de ‘praticante de piloto sem curso’ que era uma espécie de sub-oficial de ponte ou coisa assim. Bastava o curso dos liceus para concorrer a esse cargo e eu, sem mais aquelas, deixei a Faculdade e inscrevi-me na Capitania. Embarquei no cargueiro Sofala, que levava tropas para Timor, sob o comando de um espantoso homem-de-mar chamado Peixe, Gustavo Peixe, um autêntico personagem do Moby Dick. Foi uma viagem quase irreal, para mim. Sem saber nada, mas nada, de navegação via-me na ponte do comando, na companhia do segundo co-piloto, a atravessar o Atlântico”.

⁴ O elenco seria extensíssimo: *O livro de marinaria* de João de Lisboa, *O livro das grandezas de Lisboa* de frei Nicolau de Oliveira (1620), *O livro de Cesário Verde* (1887), *O livro de bordo* de António de Sousa (1950).

rativa do pós-guerra⁵. *Le città del mondo*, a obra inacabada de Elio Vittorini, concebida como intersecção de três núcleos narrativos onde são contadas histórias de personagens que deambulam em torno de cidades; ou *Le città invisibili* de Italo Calvino, em cujas páginas são retomados muitos dos *topoi* que enformam o derradeiro romance de Vittorini, com explícita remissão para um outro livro, *Il libro di Marco Polo detto milione*, contam-se de entre os mais significativos exemplos que nos são dados pela narrativa das últimas décadas⁶. Se as *città del mondo* representam a crença no *engagement* da arte, por reacção a um mundo labiríntico, as *città invisibili* dão por descontada a impossibilidade de levar por diante qualquer forma de acção directa susceptível de actuar sobre a realidade, pelo que deixam em aberto o caminho da utopia.

Mas o contexto histórico onde surge *Lisboa. Livro de bordo* revela-se, logo à partida, substancialmente diverso daquele que serve de pano de fundo a *Le città del mondo* ou *Le città invisibili*. A primeira imagem que ilustra o livro de José Cardoso Pires, e que é uma das poucas fotografias nele incluída, mostra o Padrão dos Descobrimentos e o Espelho de Água. Nela se reflecte a memória da Exposição do Mundo Português, promovida pelo Estado Novo em 1940. Eis como José Cardoso Pires recorda as vivências desses anos: “[O regime] era violentíssimo. Fazíamos piqueniques e, quando chegávamos ao sítio, já lá estava a polícia à espera. Do meu grupo faziam parte o Mário Soares, o Mário Ruivo, o Zé Dias Coelho. O meu pai conseguiu, não sei lá como, que eu não fizesse

⁵ Valha por todas a referência a Douwe W. Fokkema, *História literária. Modernismo e pós-modernismo*. Lisboa, Vega, s. d. (trad. do original *Literary history, modernism and postmodernism*).

⁶ O complexo processo de elaboração de *Le città del mondo* foi estudado por Raffaella Rodondi: Elio Vittorini, *Le opere narrative*, a cura di Maria Corti. Milano, Mondadori, 1974, v. 2, pp. 944-961. Sobre a relação entre este romance e *Le città invisibili*, vd. Marina Polacco, “Dalle Città del mondo alle Città invisibili: viaggio, dialogo, utopia”: *Rivista di Letteratura Italiana*, 10, 1-2, 1992, pp. 227-254. Por sua vez, a presença da memória literária de *Il libro di Marco Polo* em *Le città invisibili* foi apurada por F. Bernardini Napoletano, *I segni nuovi di Italo Calvino*, Roma, Bulzoni, 1977. Também José Saramago escreveu, mais recentemente, um livro que tem por tema uma deambulação por Portugal, *Viagem a Portugal* (Lisboa, Círculo de Leitores, 1991, cuja primeira edição remonta a 1981), embora neste caso o itinerário descrito não se limite à esfera urbana, abrangendo antes todo o país. Sobre a relação entre a obra deste escritor e os códigos do pós-modernismo, vd. Isabel Pires de Lima, “Saramago pós-moderno ou talvez não”: *Associação Internacional de Lusitanistas. Actas do quinto congresso. Universidade de Oxford, 1 a 8 de Setembro de 1996*, organização e coordenação de T. F. Earle. Oxford, Coimbra, 1998, v. 2, pp. 933-941.

a Mocidade Portuguesa”⁷. Meio século volvido, o antagonismo que opunha o intelectual ao regime foi superado pela história. O escritor que ao tempo da Exposição do Mundo Português conspirava contra o Estado Novo vem agora apresentar Lisboa à Europa e ao Mundo, no âmbito de uma nova exposição internacional, a Expo 98⁸. Entre uma e outra, *vozes, olhares, memorações* feitos em *livro* sobre *Lisboa*.

2. Entre o livro e a cidade

O texto dilui-se na viagem pela cidade, tal como água, terra e sol se interpenetram e se diluem nas cores, nos cheiros, nas vozes, no humor e na sintaxe que lhe são próprios. No início, uma aparição, “Logo a abrir, apareces-me pousada sobre o Tejo” (*LLB*, p. 7), à qual se segue um olhar “virado a sul em formato de bilhete postal” (*LLB*, p. 10). Do Castelo, passa-se a Arroios, de Arroios ao Rossio, e do Rossio ao Campo de Santana, com a naturalidade de quem podia ir de Arroios ao Castelo, ou do Campo de Santana ao Rossio. A fluidez dos lugares está para a fluidez dos tempos. A memória de Camilo e Ana Plácido passa pela Travessa das Freiras com a mesma tranquilidade com que as pombas maneirinhas saltitam pelos bêbados dormentes daquele largo da freguesia de S. Jorge de Arroios (*LLB*, pp. 13-14). Que os grandes vultos da Lisboa do passado retomem, ou não, os seus habituais lugares fora do tempo, não é, em qualquer dos casos, motivo de desassossego:

Fernando Pessoa está sentado à chuva na esplanada da Brasileira. Dentro do café está o Almada. Ou esteve. Durante largo tempo habituei-me a vê-lo numa parede em auto-retrato dos anos vinte, na companhia de duas senhoras sofisticadas que pareciam estar à espera de qualquer coisa que havia de vir. Qualquer coisa, o quê? O segundo futurismo? O próximo comboio de Paris? Até hoje, silêncio absoluto. O Almada deixou de ser visto com elas na Brasileira e com a chuva que aí vai não é natural que volte por cá tão cedo. (*LLB*, p. 61).

Embora a intersecção de tempos e lugares diversificados implique a alteração da ordem material dos factos, os parâmetros de congruência nunca são postos em causa. Na verdade, a sobreposição de planos é sus-

⁷ Entrevista publicada em *Público Magazine* a 19-6-1994.

⁸ Aliás, a edição de *Lisboa. Livro de bordo* noutros países faz parte de um programa de divulgação, anunciado no próprio livro, através de traduções em castelhano (Alianza Editorial), francês (Gallimard), italiano (Feltrinelli) e alemão (Carl Hanser).

tida por uma cadeia de associações de circunstâncias e eventos cujo roteiro de modo algum é casual. Aliás, o percurso descrito em *Lisboa. Livro de bordo* tem início junto ao Tejo, para se alargar, do alto da colina do Castelo, até ao cais ribeirinho, onde desagua.

Neste âmbito, entre *Lisboa. Livro de bordo* e *Le città invisibili* não há solução de continuidade. Na narrativa de Calvino, a referência a Marco Polo e a contaminação com *Il milione* desemboca na criação de um arquétipo mítico que dissolve os contornos da viagem pelas cidades, corroborando o seu anulamento. Kublai Kan, sem sair do seu jardim, descreve-as, competindo a Polo verificar, através das suas andanças, se essas cidades de facto existem, até que, recusada a verificação prática⁹, a viagem é convertida numa partida de xadrez que afinal não encontra o seu correspondente em nenhum modelo¹⁰. De outra forma, o percurso delineado por José Cardoso Pires é concebido de um modo muito diverso. A cidade é a referência primordial e insuperável. Percorrê-la significa libertá-la da trama que a possa ofuscar, para compreender o seu carisma e a sua unidade, à margem do “catecismo de *city tour*” (*LLB*, p. 11). Desta feita, a reflexividade, que em Calvino põe em destaque a impossível coincidência entre o objecto e o seu modelo, erige-se em marca cujo contributo se mostra fundamental para a apreensão da sua essência.

As imagens que ilustram *Lisboa. Livro de bordo* são imagens de outras imagens, ou seja, reproduzem, na sua esmagadora maioria, obras de pintores, escultores, calceteiros e, em sentido lato, também imagens de escritores que espelham a própria cidade, através de uma complexa cadeia sígnica de reflexos de reflexos. As considerações tecidas acerca da estátua de D. Pedro IV são feitas coincidir com o “riso pronto” de

⁹ «D’ora in avanti sarò io a descrivere le città, – aveva detto il Kan. – Tu nei tuoi viaggi verificherai se esistono. [] Ma le città visitate da Marco Polo erano sempre diverse da quelle pensate dall’imperatore.» (Italo Calvino, *Le città invisibili*, Romanzi e racconti, ed. diretta da Claudio Milanini, a cura di Mario Barenghi e Bruno Falcetto, Milano, Mondadori, 1995, 2.ª ed., v. 2, p. 415).

¹⁰ «Kublai era un attento giocatore di scacchi; seguendo i gesti di Marco osservava che certi pezzi implicavano o escludevano la vicinanza d’altri pezzi e si spostavano secondo certe linee. Trascurando la varietà di forme degli oggetti, ne definiva il modo di disporsi gli uni rispetto agli altri sul pavimento di maiolica. Pensò: ‘Se ogni città è come una partita a scacchi, il giorno in cui arriverò a conoscerne le regole possiederò finalmente il mio impero, anche se mai riuscirò a conoscerne tutte le città che contiene’. [] Alle volte gli sembrava d’essere sul punto di scoprire un sistema coerente e armonioso che sottostava alle infinite difformità e disarmonie, ma nessun modello reggeva il confronto con quello del gioco degli scacchi.» (*ib.*, pp. 461-462).

Alexandre O'Neill (LLB, pp. 16-19). A cor de Lisboa é o ocre pombalino, segundo uns, o verde, segundo outros, ou o branco, na óptica de Tanner. Todavia, apesar das dificuldades que estas variações colocam aos pintores, é nas suas telas que lhe descobrimos os tons (LLB, pp. 41-42). A lembrança da destinatária do *Soneto já antigo* de Álvaro de Campos, Daisy, perpetua-se no empedrado de um passeio da Avenida de Roma, junto a uma loja de noivas – “uma referência mesmo a condizer com o soneto que te [Daisy] tornou eterna” (LLB, p. 90).

Se *Lisboa. Livro de bordo* é um palimpsesto, é-o, pois, numa aceção muito particular, em virtude da correspondência orgânica que se estabelece entre sistemas sígnicos que implicam suportes significantes bastante diversificados. Essa pluralidade consubstancia-se, porém, numa figura cuja harmonia decorre da série de paralelismos que a suporta. Flores, aves, naves e querubins passam dos azulejos à calçada. A escala urbana da cidade reflecte-se na rede do metropolitano que lhe subjaz, percorrida por um “comboio de estações de arte” (LLB, p. 99). A estátua de D. Pedro IV tem por contraponto “subterrâneo” o “diplomata sem rosto” (LLB, p. 100). Por baixo do Jardim Zoológico, “abre-se um zoo quase fabular” (LLB, p. 100). As melodias do Museu da Música, ao Alto dos Moínhos, ouvem-se nos desenhos de Júlio Pomar (LLB, pp. 102-105). No Campo Grande, sob a Biblioteca Nacional, abre-se uma outra biblioteca, uma “livraria visionária” (LLB, p. 106). “Uma cidade que se reflecte”, é o título de uma das secções do livro (LLB, p. 95). “Uma cidade que se desdobra, espelhando-se” (LLB, p. 99), lê-se adiante. E, mesmo para além da geometria, “a cidade espelha-se, desdobra-se” (LLB, p. 107), insiste Cardoso Pires, tirando partido dos efeitos estilísticos da iteração, no plano linguístico. À medida que a leitura avança, essa vasta rede de reflexos vai ganhando cada vez mais consistência:

De passagem em passagem, os murais e as esculturas que vou percorrendo aproximam-se cada vez mais da Lisboa que me está por cima e da minha identificação com ela. (LLB, p. 107).

A primeira pessoa que assume a narração corresponde à voz do autor, pelo que a identificação com a cidade, bem como a identificação de todos os seus desdobramentos, ganha sentido em função do hiper-signo ‘livro’, construído a partir da combinação em cadeia dos vários sistemas em causa, à luz de uma profunda confiança quer no seu poder comunicativo, quer na sua capacidade de traduzir fielmente o real – enquanto reflexo de reflexos.

O bebedor desprevenido bem pode pensar que engana as horas, quando as horas é que muitas vezes enganam. Bem o sabe o falante do lisbonense cerrado, quando “chama ao relógio caranguejo, que é um animal de marcha falsa, fazendo que anda para trás mas avançando de lado para que a gente não lhe apanhe o sentido” (LLB, p. 77). Mas, depois de lembrar alguns dos relógios de Lisboa que não marcam horas, Cardoso Pires conclui que o mais desnorteante *caranguejo* da cidade é, afinal, o mais exacto. Existe no British Bar um relógio que anda para trás e, como tal, é um verdadeiro *caranguejo* – por sinal, “marca horas pontualíssimas” (LLB, p. 78). A desordem do tempo e dos lugares consiste, pois, numa mera aparência à qual subjaz o seu sentido profundo, exposto nos sinais que traduzem a sua verdade – as palavras e os objectos que fazem Lisboa¹¹.

As relações especulares que se estabelecem entre as várias linguagens e os vários sistemas sígnicos onde se reflecte a cidade alargam-se, mediante uma figura de ênfase, ao próprio referente, donde decorre um efeito de sobreposição entre o livro e a cidade. Tal como Lisboa é o livro de bordo, assim o livro de bordo é Lisboa. Sob esta perspectiva, a auto-referencialidade de *Lisboa. Livro de bordo* ganha um amplo sentido, na medida em que a sua incidência sobre o objecto livro se torna indissociável da sua incidência sobre o objecto cidade.

Logo a abrir, apareces-me pousada sobre o Tejo como uma cidade de navegar. (LLB, p. 7).

– É a frase com que se inicia *Lisboa. Livro de bordo*. Abrir o livro é abrir a cidade.

3. Cúmplices

A relação especular que se estabelece entre o livro e a cidade de forma alguma implica, porém, a instauração de um ponto de vista uni-

¹¹ Também neste plano a distância em relação a *Le città invisibili* é consistente. Em Calvino, é o próprio diálogo que se vai esbatendo, progressivamente, acabando por pôr em causa os intervenientes: «Polo: – *A meno che [...] quelli che s'arrabattano negli accampamenti e nei porti esistano solo perché li pensiamo noi due, chiusi tra queste siepi di bambù, immobili da sempre. [...] Kublai: – Questa non mi pare una congettura che ci convenga. Senza di loro mai potremmo restare a dondolarci/imbozzoliti nelle nostre amache.*» (Italo Calvino, *Le città invisibili*, p. 458). Por sua vez, em *Le città del mondo* o diálogo dissolve-se no plano filosófico onde se interroga sobre as causas e os princípios últimos.

dimensional. A diversidade de tempos e espaços não se compraz com uma leitura única:

Nada mais certo: a conjugação dos bares é pessoalíssima porque cada bebedor tem o seu mapa e cada mapa os seus portos. [...] Cada bebedor tem o seu mapa, cada mapa os seus portos, e velas ao largo, vamos seguindo, que ainda a noite é uma criança. (LLB, pp. 84-85).

[Lisboa], com o saber dos séculos e os sinais de muito mundo que a perfazem, sugere várias leituras, e daí que a cada visitante sua Lisboa, como tantas vezes se ouve dizer. (LLB, p. 114).

Todavia, a personalidade do roteiro não passa por circunstâncias de contingência. Aliás, conforme já foi notado, o carácter não aleatório da deambulação pela cidade está para o carácter não casual da associação dos tempos e dos lugares evocados. Mesmo naquelas circunstâncias em que a ironia à luz da qual são representadas facetas contraditórias de uma mesma situação se mostra mais corrosiva, como acontece a propósito do Professor Sousa Martins, *alias* São José Tomás, prevalece a clarividência da leitura, decorrente, neste caso, da descrição do percurso que levou “da heresia para a santidade” (LLB, p. 25).

Conhecer a cidade é sentir-lhe o pulsar, sem pactuar com a distância:

Claro que ver-te daqui, do Alto do Castelo, é deslumbrante, não digo que não. Mas há a distância, e a distância inventa cidades, como bem sabemos. (LLB, p. 11).

A distância deslumbra, tanto pela beleza, como pela ofuscação, sob pena de sobrepor o imaginário ao quotidiano. Há uma cidade que Marco Polo só avistou à distância, mas onde nunca conseguiu entrar, Irene, e talvez seja essa a cidade que sempre descreveu¹². Também em *Le città del mondo* os pastores se limitam a contemplar as cidades ao longe, sem nunca transpor a sua entrada. José Cardoso Pires recusa essa distância:

Aqui tens porque é que eu, nesta vista tirada do Castelo de São Jorge, me sinto assim distante, quase alheado. Talvez porque daqui não te ouço, cidade. Porque não te respiro os intentos nem te cheiro. Porque não te apanho os ges-

¹² «[...] forse di Irene ho già parlato sotto altri nomi; forse non ho parlato che di Irene» (Italo Calvino, *Le città invisibili*, p. 464).

tos do olhar. Numa palavra, porque me falta cumplicidade, e sem cumplicidade com a imagem, com os saberes, os gostos e os defeitos dum mundo tão privado como o teu ninguém aprende a vivê-lo. Eu, melhor ou pior, cá vou tentando. Para chegar a esse entendimento já recapitulei infâncias de bairro, já revisitei lugares; já te disse e contradisse, Lisboa, e sempre em amor sofrido. (LLB, p. 13).

Entre o livro que é a cidade e a cidade que é o livro, fica a cumplicidade do escritor, num roteiro de *vozes, olhares, memorações*.

Se *Lisboa. Livro de bordo* propõe, acima de tudo, um modo de conhecer a cidade, a instituição de critérios selectivos fica bem patente logo nas observações tecidas nas páginas iniciais acerca de percursos e modalidades de apreensão cujo artificialismo trai o seu mistério:

Há eruditos em trânsito que praticam as vias-sacras dos monumentos para ficarem de bem com a consciência cultural, vi disso aos montes; há os romeiros da dança tarântula, Alfama abaixo, Mouraria acima, por amor aos labirintos de roteiro; há os viajantes de museu para os quais este mundo tem de andar sempre muito bem datado e arrumadinho; há de tudo. Mas ninguém poderá conhecer uma cidade se não a souber interrogar, interrogando-se a si mesmo. Ou seja, se não tentar por conta própria os acasos que a tornam imprevisível e lhe dão o mistério da unidade mais dela. (LLB, p. 11).

A cidade não é redutível nem à ordem preestabelecida de um elenco de datas cronologicamente dispostas, nem a um labirinto de encruzilhadas. Tem uma unidade que se oferece à descoberta, a quem a souber indagar ao mesmo tempo que indaga a sua própria interioridade.

Essa unidade, ao ser representada através do desdobramento de códigos de ordem muito diversa e ao ser enfatizada pela auto-referencialidade do livro, converte *Lisboa. Livro de bordo* num palimpsesto, aproximando-o, desta feita, dos caminhos da pós-modernidade. Apesar disso, a cidade não se consubstancia num somatório de fragmentos autónomos. Não há uma Lisboa para o economista, outra para o estudioso dos códigos, outra para o político. As várias imagens resolvem-se numa figura orgânica que pressupõe a confiança na possibilidade e no valor do conhecimento. Cúmplice, José Cardoso Pires, por um lado, apresenta a cidade como um desdobramento de reflexos especulares, fazendo seus os códigos da pós-modernidade; por outro lado, acredita na possibilidade de apreender de uma forma unitária, desvelando os elos que o ligam ao mundo da modernidade. Vanificado o contexto que servira de pano de

fundo ao *engagement* de *Le città del mondo* e perdido o espaço de incidência da deambulação utópica pelas *Città invisibili*, a cidade – a Lisboa do final de milénio e da Expo 98 – oferece os seus mistérios à descoberta de todos os visitantes, dos muitos visitantes que, também eles cúmplices, lhe queiram sentir a harmonia de *vozes, olhares, memorações*.